

QUE DEMOCRACIA E QUE CRISTIANISMO DA ÁFRICA?

Vista a partir dos seus conceitos-chave e fundamentais, a democracia seria uma «ferramenta» perfeitamente compatível com o projeto de universalização da mensagem evangélica que o cristianismo traz consigo. No século XX, após as duas guerras mundiais europeias, com a criação da ONU, a democracia foi adotada pelos países do chamado bloco ocidental como sistema político para garantir a soberania do povo e o seu direito de eleger e controlar os seus governantes.

No entanto, hoje em dia, essa noção de democracia que fez sonhar muitas nações, como o modelo perfeito de convivência social, já é questionada em muitos aspectos em todo o mundo. Em países supostamente de democracia comprovada e consolidada, observam-se formas de expressar o direito à democracia, por vezes violentas, até mesmo anarquistas. Entretanto, proclamou-se uma nova ordem mundial: professada por uns, suspeitada e denunciada por outros. Como entender a democracia quando o conceito de globalização se desintegra enquanto surge, inevitavelmente, uma estruturação multipolar do planeta? O que será dos «mestres» da democracia quando os seus países, com populações envelhecidas, tiverem de se reinventar com o fluxo de jovens rebeldes de países que foram durante muito tempo subjugados, oprimidos e explorados?

Num primeiro momento, vou apreciar o conceito de democracia a partir da realidade africana atual.

Em segundo lugar, sempre à luz dos meus olhos africanos, vou demonstrar que o nobre projeto de democratizar a coexistência mundial trazia consigo um fator de impossibilidade que foi a colonização (no caso de África).

Em terceiro lugar, tentando ser lúcido, vou indicar algumas pistas conceptuais que podem ser consideradas como a contribuição do princípio filosófico africano do Ubuntu para a crise global da noção de democracia.

I – A democracia ocidentalizada, germe de instabilidade sociopolítica em África.

Quando, na década de 1990, a Europa decretou que os países africanos tinham de passar do «partido único» para o multipartidarismo político, houve uma euforia em África. Foram organizadas conferências nacionais onde, num debate público, se podia falar de tudo, inclusive da vida privada dos supostos ditadores míticos que governavam os nossos países.

Foram fundados muitos partidos políticos: alguns ao modelo francês (implementados pela demagogia verbal e discursiva), outros ao modelo norte-americano (implementados por um pragmatismo dirigido pelo afã de interesses). Não houve qualquer esforço para criar ou adaptar o modelo de gestão da cidadania à cosmovisão socioantropológica dos povos africanos. O processo de democratização de África foi feito mesmo com princípios evidentes de contradição. O protótipo disso foi a atitude do então presidente da França, François Mitterand. Ao mesmo tempo, ele dizia: “A democracia é um princípio universal. Mas não devemos esquecer as diferenças estruturais das civilizações, das tradições e dos costumes. É impossível oferecer um sistema já pronto. A França não tem que ditar uma lei constitucional que se imponha de facto a todos os povos que têm sua própria consciência e sua própria história e que devem saber avançar em direção ao princípio universal que é a democracia...”

A França não tem intenção de intervir nos assuntos internos dos Estados africanos amigos... Para nós, essa forma sutil de colonialismo, que consistiria em sermonear constantemente os Estados africanos e aqueles que os dirigem, é uma forma de colonialismo tão perversa quanto qualquer outra[1]. O próprio François Mitterrand era aquele que condicionava a «ajuda ao desenvolvimento» dos países africanos francófonos à sua adesão ao processo democrático multipartidário, formalizado pelos famosos planos de ajustes estruturais que muitos pan-africanistas temos vindo a denunciar[2]. E que, no fundo, eram uma ferramenta de controlo da gestão económica dos Estados africanos pelas estruturas financeiras ocidentais (FMI, Banco Mundial, etc.)[3].

Assim chegou a democracia à África, como tantos outros valores ditos civilizacionais, tal como o cristianismo.

Mas veremos agora que esses valores da «civilização perfeita» que critico no meu livro[4] traziam consigo: um «veneno civilizacionalmente mortal», uma prática com traços de negação de todo o tipo de civilização humana, um sistema que é, nem mais nem menos, um sistema de depredação cultural e de empobrecimento antropológico, este sistema foi o instinto colonizador.

II - O verme estava na fruta[5]

Se um dia eu tivesse que fazer uma profissão de fé personalizada, haveria uma frase parecida com a seguinte: “creio na Igreja..., mas tenho dificuldade em separar conceitualmente o cristianismo e o colonialismo em África, embora, na prática, seja possível distinguir os efeitos”.

O filósofo norte-americano Eric Voegelin, citado pelo monge capuchinho Santaner, disse: «Quando o Evangelho se torna doutrina, deixa de ser uma fonte de vida e pode tornar-se um princípio de morte»[6].

A verdade refletida nesta frase foi perfeitamente comprovada no caso de África. É evidente que nós, os negros africanos, não deixaremos de questionar a relação adúltera e incestuosa entre a Igreja cristã e o sistema colonial na nossa terra. Como entender que uma aventura tão desumanizante como o colonialismo tenha tido a «bênção apostólica» ano após ano? Esta relação danificada desde o início produziu resultados que nos obrigam a repensar completamente o processo da fé cristã na África de hoje[7].

Mas, no fundo, nada surpreendente, porque já se comprovou que o cristianismo eurocêntrico não conseguiu evitar os grandes conflitos, primeiro entre nações e depois entre grupos ideológicos, que devastaram a Europa e depois o mundo a partir de um Ocidente supostamente cristão.

O que será mais lamentável é que o cristianismo se traiu novamente ao passar ao lado da intuição do Papa João XXIII quando fixou o objetivo do Vaticano II de ser um concílio pastoral e não dogmático. Isso teria significado colocar o ser humano no centro da questão cristã e, a partir dessa perspectiva, a civilização ocidental poderia perceber o horror que fomentava em todo o mundo com o sistema de colonização e fazer uma opção resolutive pela não colonização. E, de facto, não seria este um objetivo que o próprio cristianismo deveria estabelecer se quisesse recuperar a credibilidade perante tantos homens de boa vontade para quem o cristianismo é pouco mais do que uma ideologia entre outras? Em outras palavras, não seria hora da Igreja cristã do século XXI passar de um cristianismo culturalmente invasor, passando por um cristianismo descolonizador, para chegar a uma proposta de um cristianismo propriamente descolonizado? [8]

O livro do Professor Tamayo, para mim, é uma verdadeira referência para indicar o rumo que o cristianismo deve tomar hoje em dia se não quiser continuar a sofrer como um sistema ideológico em vias de perdição. De facto, a perspetiva descolonial adotada pelo professor Tamayo parece-me indispensável hoje em dia para alcançar uma forma de «narrar Deus» que seja audível para as pessoas do nosso tempo. Trata-se de fundamentar um discurso cristão pós-colonial e intercultural num diálogo intracultural com as chamadas «teologias emergentes» do Sul global[9].

Um dado importante que deve ser mencionado é que o carácter descolonial dessas teologias não lhes foi concedido pelo cristianismo eurocêntrico, à maneira das supostas independências políticas pelos países colonizadores. Não! O Sul global já está em um processo de recuperação da sua autodeterminação. Esse processo é caracterizado por uma opção pela transgressão de qualquer sistema de dominação, como o cristianismo eurocêntrico. Jean-Marc Ela afirma: «Devemos devolver toda a credibilidade e relevância ao Evangelho em África (...) trazer à luz a força subversiva da memória do Deus crucificado (...) Devemos correr o risco de compreender o mistério de Deus, assumindo as questões colocadas às igrejas de África por homens e mulheres que se perguntam como Deus os diz respeito nas condições dramáticas em que vivem hoje»[10]. Outro dado é que, nessa dinâmica de autodesvinculação das novas enunciações teológicas do eurocentrismo teológico, o Sul global aponta com veemência que o cristianismo europeu nem sequer pode se apresentar hoje como modelo do cristianismo.

Não compreendo a pretensão que o cristianismo ocidental se atribuiu de querer ser a forma uniforme de falar do Deus de Jesus Cristo no mundo. É a partir dessa pretensão que o cristianismo contribuiu para construir uma civilização que hoje nega os valores da sua própria estrutura e que, na história do mundo, é a única civilização que, como diz Pedro Casaldaliga: «em nome de um deus supostamente branco e colonizador, que as nações cristãs adoraram como se fosse o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, milhões de negros têm sido submetidos, durante séculos, à escravidão, ao desespero e à morte. No Brasil, na América e na mãe África».

É claro que a civilização ocidental, até hoje, tem sido e continua sendo incapaz de pensar em outro tipo de relação com a África, a não ser de três maneiras: apropriar-se da África, enfraquecer a África e aterrorizar a África.

- *Apropriar-se da África*: trata-se da promoção de diversos mecanismos de saque das riquezas africanas que passam pelo engano. O Papa Francisco denunciou recentemente no Congo: «Não toquem em África. Parem de sufocá-la, porque África não é uma mina para explorar nem uma terra para saquear. Que África seja protagonista do seu próprio destino»[11]. Podemos citar dois exemplos: os contratos de exploração dos recursos naturais em África por multinacionais europeias e o sistema monetário do franco CFA.

- *Enfraquecer África*: foram estabelecidos em África vários sistemas de dominação que começam pela educação (sistemas educativos que não promovem a competência, mas sim a mediocridade); a governação política (promoção de governos corruptos); a sociedade civil (divisão e fragilização dos líderes que defendem ideologias utópicas; diversão e desorientação da população, etc.).

- *Aterrorizar África*: trata-se da manipulação das eleições e da desestabilização repetitiva dos regimes políticos para assustar as populações. Vemos todo o tipo de ameaças (bases militares ocidentais nos países africanos, missões armadas da ONU, armamento e financiamento de grupos terroristas).

A tudo isso, a nova geração está a dizer: Chega!

III – Da democracia imperialista a uma democracia Ubuntu

Na África, observa-se atualmente o que podemos chamar de um desamor aberto dos povos africanos em relação aos seus ex-colonizadores. Quem mais está a sofrer com essa desilusão é a França. Muitos líderes de opinião^[12], e eu concordo com eles, denunciam veementemente a nebulosa mafiosa «França-África». Em alguns países, o chamado «ressentimento anti-francês» é «pregado» abertamente. Os jovens africanos permitem-se saquear embaixadas francesas com um slogan prescritivo: «FRANCE-DEHORS», «França, fora».

Assistimos a uma sucessão de golpes de Estado que podem ser qualificados como militaropopulares nos países africanos de língua francesa. Algo muito curioso e semelhante em todos os cenários é que uma junta militar destitui um presidente eleito e, em vez de ver manifestações populares a reclamar o presidente deposto, vemos as populações saírem em massa para abraçar os tanques de guerra e aplaudir os soldados. Como foi possível chegar a esta situação?

Um dos conceitos evidentes da gestão de qualquer poder político é que ele é entendido como uma questão de clã. Na África, são clãs naturais ou antropológicos e, no Ocidente, são clãs ideológicos. Quando o Ocidente decidiu exportar e impor a democracia na África, não levou em consideração a cosmovisão, a antro-po-visão nem a socio-visão dos povos africanos. Em geral, as tradições e os costumes dos povos negros caracterizam-se pelo altruísmo baseado na hospitalidade, na empatia e na partilha.

Penso que a crise que as instituições democráticas do mundo ocidental enfrentam hoje em dia se deve à falta desses princípios da filosofia Ubuntu.

É preciso reconhecer que o Ocidente conseguiu, ao longo do século XX, estabelecer instituições sólidas que funcionam com princípios democráticos. No entanto, por um lado, suspeita-se que essas instituições sejam manipuladas por algumas pequenas castas ideológicas que controlam o seu funcionamento e controlam as populações do mundo; por outro lado, observa-se uma forma de anti-sistematização e violência em alguns «aparelhos democráticos» (as greves indefinidas dos coletes amarelos em França, a invasão do Capitólio devido à derrota eleitoral de Donald Trump nos EUA; a invasão dos símbolos do poder após a derrota de Jair Bolsonaro no Brasil, as discussões violentas dos eleitos em várias câmaras democráticas no Ocidente.

O que está a acontecer com o uso da democracia no Ocidente?

Percebe-se uma crise da organização democrática ocidental, onde se supõe que as decisões de convivência são tomadas coletivamente pelo povo. A noção de povo aqui é, no fundo, o conjunto dos membros da comunidade que deve ser governada. Mas, no fundo, são realmente os cidadãos que tomam as decisões que influenciam a comunidade?

Ao modelo imperialista de democracia do mundo neoliberal ocidental, a cosmovisão africana questiona no sentido de reconsiderar, em primeiro lugar, a vida do ser humano na sua compreensão holística. Com efeito, a filosofia Ubuntu ajudaria a promover modelos de convivência, não apenas na coexistência e na coaceitação mútua entre indivíduos «eu sou porque tu és», mas também numa relação harmoniosa com a natureza e o cosmos. Trata-se de que, na expressão da coexistência democrática, não sejam valorizados apenas os interesses da comunidade dos indivíduos, mas também a comunidade de todos os seres criados (visíveis e

invisíveis; presentes e ausentes, materiais e espirituais, etc.). Em outras palavras, trata-se de considerar na mesma pessoa governada as três dimensões que são: o indivíduo, o cidadão e o crente.

Uma das coisas que África e o Sul global podem contribuir para a luta pela democracia hoje em dia é que as vozes críticas que provêm desses locais são geralmente autênticas e não se deixam levar pelo politicamente correto. Com efeito, os portadores dessas vozes são pessoas que vivem em primeira mão ou que são vítimas de expressões antidemocráticas, tais como o racismo, o fundamentalismo, a indiferença e a exclusão social, etc.

Perante o que está a acontecer em África, a rejeição generalizada do sistema supostamente entendido como democracia, há alguns anos, alguém alertou o mundo com o seu empenho quase profético: «Fiquem tranquilos! Não se assustem os acomodados, os satisfeitos, que o comunismo não vai voltar. O que paira sobre o mundo inteiro e se tornou um movimento imparável são os protestos e mobilizações dos «indignados», dos rebeldes com causa, que tomam a tocha da utopia alterglobalizadora de «Outro Mundo possível»»[\[13\]](#).

CONCLUSÃO

Sem dúvida, o mundo está a orientar-se para um funcionamento multipolar, indesejado pelo Ocidente hegemónico, mas tão desejado pelos povos do Sul global. Tudo indica que África vai desempenhar um papel muito importante neste novo cenário mundial.

Há um despertar progressivo, mas evidente e firme, da consciência africana que está a ocorrer devido à rejeição da forma mais subtil do neocolonialismo, que é a democracia ocidentalizada, imperialista e neoliberal.

África irá contribuir para a construção de uma democracia verdadeiramente globalizante, integrando a dimensão da pluralidade cultural e religiosa, porque a sua cosmovisão se baseia na filosofia altruísta do Ubuntu que, de certa forma, é um dos fundamentos do cristianismo.

Os atores/sujeitos desse movimento já não querem nem um mestre nem um planeador dos princípios democráticos «made in Ocidente». Os africanos já estão prontos para assumir-se. África percebeu que um dos seus maiores dramas históricos foi ter encontrado a França no seu caminho. Nós, africanos, já queremos olhar para a companhia desse parceiro de mau gosto como um verdadeiro pesadelo do passado. Tanto sangue africano foi derramado na nossa terra em nome da suposta democracia à francesa, enquanto os povos empobreciam cada vez mais.

Portanto, para os africanos, as africanas e todos aqueles que amam África, o que devemos fazer e o que não devemos fazer para que África «continue a enriquecer-se com a sua história, onde a tradição e a modernidade se confrontam e se impregnam mutuamente»[\[14\]](#) e construa o seu próprio sistema de democracia?

* Devemos:

- Reduzir o «volume da hipocrisia» nas narrativas relacionadas com África.
- Ser leais à convicção de construir África.
- Respeitar e adotar as expressões da «democracia do povo de baixo».

- Integrar os valores tradicionais africanos na formulação de uma democracia africanizada.

* Não devemos:

- continuar a construir divisões de todo o tipo em relação a África; por exemplo, ver África como um conjunto de microestados, mas sim como um todo na direção dos ESTADOS UNIDOS DA ÁFRICA.

[1] Discurso de François Mitterrand na XVI Conferência dos Chefes de Estado de África e da França na municipalidade de La Baule-Escoublac, em França, em 20 de junho de 1990.

[2] «Há anos (...) vêm a ser impostos em África os chamados planos estruturais, sabendo perfeitamente que são planos inadequados, porque não vão à raiz dos problemas; e o resultado é que, cada vez mais, milhares e milhares de africanos têm de fugir da sua terra para procurar uma vida melhor. No fundo, creio que esses planos são fraudes para ficar com o saque do povo africano». Homilia proferida em 3 de novembro de 2013 numa missa transmitida ao vivo pela 2TV espanhola na capela dos missionários combonianos (Arturo Soria, 101, Madrid) por ocasião de uma campanha contra as formas modernas de escravatura em África, promovida pela Fundação Sur.

[3] Cf. J. J. TAMAYO, «Prologo», C. MELIBI MELIBI, *Grito africano por el derecho a existir* (Valência 2014).

[4] Cf. *Ibid.*, 55-72.

[5] Cf. M.-A. SANTANER, *Le ver était dans le fruit : Un christianisme en dégénérescence...*, (Paris 2008).

[6] *Ibid.*

[7] Cf. J.-M. ELA, *Repenser la théologie africaine* (Paris 2003).

[8] Cf. J. J. TAMAYO, *Teologías del Sur. A viragem descolonizadora* (Madrid 2017)

[9] *Ibid.* 11.

[10] J.-M. ELA, *Op. cit.* 11.

[11] FRANCISCO, *Discurso no encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático* (Kinsala, 31/01/2023).

[12] Cf. Kemi SEBA, Nathalie YAMB e Franklin NYAMSI WA AFRIKA.

[13] J. J. TAMAYO, *Invitation à la utopie. Estudio histórico para tempos de crise* (Madrid 2016).